

MENDONÇA, José Luís. **Angola, me diz ainda**. Lisboa: Guerra e Paz, 2018.

RESENHA A ANGOLA, ME DIZ AINDA, DE JOSÉ LUÍS MENDONÇA

FRANCISCO TOPA

Faculdade de Letras da Unidade do Porto
Via Panorâmica, s/n – 4150-564 – Porto – Portugal
franctopa@gmail.com

José Luís Mendonça dispensará talvez apresentação, não só pela sua longa carreira (publicou o seu primeiro livro em 1981) e pela posição consolidada que ocupa na literatura angolana (que lhe valeu importantes prémios, como o *Sagrada Esperança*, o Sonangol ou o Angola 30 Anos) mas também devido à presença da sua obra em Portugal. Da dezena e meia de livros de poesia que já deu ao prelo, três deles saíram no nosso país: as antologias *Um Canto para Mussemba*, em 2002, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, e *Africalema*, em 2011, pela Nóssomos, e, no mesmo ano e pela mesma editora de Vila Nova de Cerveira, o volume *Não saias sem mim à rua esta manhã*. Além disso, está publicado em Portugal o romance *O Reino das Casuarinas* (Caminho, 2014) e a coletânea de contos *Luanda Fica Longe e Outras Estórias Austrais* (Caminho, 2016). Por outro lado, José Luís Mendonça é o diretor de *Cultura*, um importante jornal quinzenal com sede em Luanda.

O seu livro mais recente estabelece um interessante diálogo com a poesia e a figura de Agostinho Neto, sobretudo na primeira das três partes em que está dividido, precisamente a que dá título ao volume, *Angola, me diz ainda*. Este advérbio “ainda” sinaliza de imediato uma questão que não pode escapar aos mais distraídos dos leitores não angolanos: sendo o português a língua oficial de Angola, ela é a “língua que desfalamos”, a língua

[...] que o povo pinta de azul candongueiro
que o ministro risca no quadrante aéreo do palácio surreal
e que a zungueira arreió-arreió na sua quinda
de cartar o sonho numa rodilha de pesadelos [...]
(MENDONÇA, 2018, p. 36).

Algo de semelhante acontece quanto ao diálogo com Agostinho Neto: iniciando o seu livro com uma epígrafe retirada do poema “Adeus à hora da largada”, poema inaugural de *Sagrada Esperança*, José Luís Mendonça esboça o movimento contrário, o do retorno, do apuramento e do balanço. A simples epígrafe de Neto adquire de imediato um poderoso efeito crítico, potencializado pelo advérbio de abertura: “Hoje / somos as crianças nuas das sanzalas do

mato” (MENDONÇA, 2018). Cerca de 70 anos depois deste “Adeus à hora da largada” o

sonho ainda está por cumprir, na medida em que permanecem “os garotos sem escola” e os homens continuam “com medo de atravessar as ruas/ com medo dos homens/ nós mesmos” (MENDONÇA, 2018). Marcada por um propósito de avaliação, esta primeira parte do livro constitui o seu momento mais político, no sentido lato do termo.

Mas essa linha discursiva não é propriamente inédita na obra de José Luís Mendonça: de uma outra forma, mais metafórica ou mais irônica, a realidade social – angolana, africana ou universal – comparecia também com frequência nos volumes anteriores. Veja-se o poema “Subpoesia” do livro *Quero Acordar a Alva*, de 1996:

Subsarianos somos
 sujeitos subentendidos
 subespécies do submundo
 subalimentados somos
 surtos de subepidemias
 sumariamente submortos
 do subdólar somos
 subdesenvolvidos assuntos
 de um sul subserviente.
 (MENDONÇA, 1996)

Escrevendo “Na manhã de gelosias” (título de uma composição de *Chuva Novembrina*) Mendonça esteve sempre atento à “[...] máquina / de contabilizar o esquecimento”, do texto “Habitação”, de *Ngoma do Negro Metal*. Mas agora o tom é diferente, como diferente é a posição do sujeito lírico. Isso está bem visível no poema inicial, “Murmúrio de bagas de mulemba”, que dialoga claramente com o poema de Agostinho Neto escolhido para epígrafe:

No tempo do meu bisavô, o soba Kanvwanza, ainda
 havia escravos no quintal e escravos no porão.
 Hoje no tempo em que sou avô e sei ler e escrever, ainda
 há escravos no quintal e escravos no porão.
 (MENDONÇA, 2018, p. 10).

Em lugar ou ao lado do “hoje”, passamos a ter “ainda”, em final de verso – quase sempre longo, quase sempre lento e ‘difícil’ apesar dos encavalgamentos –, o que é uma forma de sublinhar o efeito quase nulo da passagem do tempo sobre as condições de vida. No poema “Carta para Agostinho Neto”, essa imagem de um tempo circular que perpetua a opressão e a miséria volta a surgir, num interessante cruzamento de referências.

Os cães ladram como Prometeu
 trocando com Zumbi dos Palmares
 a saliva quente da palavra-passe
 de mudar o leme do eterno retorno.
 (MENDONÇA, 2018, p. 21).

No amplo espectro das vítimas deste tempo de “Ser e não ter” (MENDONÇA, 2018, p. 39) destacam-se as crianças e as mulheres, como se pode ver em “Menino morto de rua” (MENDONÇA, 2018, p. 38), que só pelo título (aliás bem expressivo na sua ambiguidade) lembra a canção “Menino do Rio” de Caetano Veloso (1968), e em “De mulher a zungueira”, em que lemos que “A fome faz o ser humano passar / de mulher a zungueira.” (MENDONÇA, 2018, p. 37). A responsabilidade por este estado de coisas é ampla: inclui Portugal, que deixou Angola “arder na mão da Guerra Fria / quando podias ter-nos deixado / com as armas do voto no dedo” (MENDONÇA, 2018, p. 13), passa pela imagem personificada dos recursos naturais:

Lá longe o petróleo claraboiava orgulhoso no off-shore
o seu canto de cisne negro
e a asa enorme do pássaro ficou
pra sempre grudada no bolso de trás das calças.
(MENDONÇA, 2018, p. 18);

mas inclui também os que “Privatizaram as catanas do 4 de Fevereiro” (MENDONÇA, 2018, p. 14); os mesmos responsáveis de “A rosa oculta”:

Em 2002, os soldados plantaram
rosas de porcelana no cano das espingardas
Em 2016, os generais ocultam
pétalas de porcelana nos elevadores de betão.
(MENDONÇA, 2018, p. 19).

Os sinais de mudança são, pois, aparentes, como se lê em “Encontrei brancos a comerem no meu prato”, em que os brancos eram, afinal, chineses:

E eu a pensar que vira brancos
comerem o meu prato de funji
com uma tira de peixe carapau seco e mal
passado nas brasas
(MENDONÇA, 2018, p. 55-56);

e a ilusão vai ao sabor do petróleo:

Mas quando o petróleo baixou eu vi
com os meus próprios olhos o hospital rachou
a estação lá no Huambo rachou oitenta rachas
e o chinês ria ao passar na cova que o camião shacman dele fez na estrada
(MENDONÇA, 2018, p. 55).

Além disso, como se lê no poema que dá título ao volume, o tempo é de silêncio imposto:

Angola, me diz ainda
 por quem os silêncios grafitam
 palavras como rios
 nos muros lisos da noite
 palavras interditas
 como fome e liberdade
 (MENDONÇA, 2018, p. 11).

A denúncia não incide apenas sobre a miséria comum, a rendição ao mercado e ao liberalismo, a falta de liberdade, mas inclui também a desistência do sonho e da sua busca, como se vê no poema “Praça da não-independência”, em que o sujeito nos interpela a ver “como ficaram magros os ventos / dos punhos cerrados do povo.” (MENDONÇA, 2018, p. 16). Resta a palavra numa língua feita arma:

o meu falar é tão preto
 que a minha língua é carvão
 quando não queima suja
 o colarinho branco dos crimes
 que o juiz lava sem pudor
 no rio do esquecimento
 (MENDONÇA, 2018, p. 26).

Na segunda parte do volume, bem mais curta, mantém-se o tom de denúncia, mas num registo diferente, de resto anunciado pelo título, “Mujimbos das cigarras”: nesta época de factos alternativos é de cigarras e de mujimbos, isto é, de boatos, que se fala aqui, num olhar amplo que sugere a persistência do engano e da manipulação na vida coletiva. Entre as novas cigarras conta-se a “igreja do cumbu” (MENDONÇA, 2018, p. 61) e também os autores do “Noticiário” (MENDONÇA, 2018, p. 70-71), uma e outros incapazes de perceber que

o homem e o boi
 têm grandes, evidentes semelhanças.
 Ambos trabalham no campo
 e curtem a pele nas fábricas.
 (MENDONÇA, 2018, p. 66);

uma e outros incapazes de reconhecer a superioridade do cão:

[...] nesse ponto o cão
 supera de longe o homem, o cão
 não faz guerra, faz amor
 às claras, em plena
 via pública, sem hora marcada
 nem compromisso.
 (MENDONÇA, 2018, p. 67).

O livro encerra com o conjunto “Poéticas para um museu de cera” que, ao contrário do que o título sugere, está bem longe do critério habitual dos museus e dos seus narizes de cera. De facto, das cinco figuras escolhidas, só uma é previsível: Hoji ya Henda, herói da luta de libertação morto em combate em 1968. Os quatro restantes são figuras menos esperadas cuja escolha sinaliza a esperança numa nova Angola de que os sinais de escravidão – como anunciava o poema de Agostinho Neto usado na epígrafe – tenham desaparecido definitivamente: o “Camarada tombado em 1975”, cuja “[...] branca rouquidão dos [...] ossos me visita [...]”; o jornalista independente Ricardo de Mello, assassinado em 1995; a jurista Maria do Carmo Medina e o escritor-ministro Wanhenga Xitu. É com este último que se fecha o círculo aberto com a referência a Agostinho Neto no início da obra: um e outro foram combatentes do mesmo combate, através da palavra e da militância política, tornando-se heróis improváveis de uma demanda ainda em aberto. Perante o criador de Mestre Tamoda, o sujeito coloca-se na mesma perspectiva de João Batista face a Jesus: “me diz ainda, mais-velho, como te vamos seguir / nós, os cães todos, agora que / penduraste a carne na mbanza de Kalunga?” (MENDONÇA, 2018, p. 82).

É de resto este recurso frequente à imagem inusitada – às vezes opaca à primeira leitura, outras vezes incómoda pela crueza – que nos confirma que não há propriamente uma revolução na poética de José Luís Mendonça. Os seus leitores notarão por certo uma linguagem menos cifrada, que parece acompanhar a nova fase política que se desenha em Angola. Mas notarão também a mesma exigência dos livros anteriores na construção dos poemas e na recusa do verso fácil. Notarão ainda a mesma ternura irónica de quem diz “os meus dentes são pretos / como um ovo de galinha” (MENDONÇA, 2018, p. 26) ou “Levemos agora em devida conta a questão da guerra civil. / Paz à sua arma.” (MENDONÇA, 2018, p. 36). Vale a pena, pois, continuarmos atentos àquele que não é apenas um grande poeta angolano, mas é também um dos grandes poetas da nossa mais ou menos comum língua portuguesa.